



**JOSÉ CARDOSO PIRES (1925-1998)**

**1º CENTENÁRIO DE NASCIMENTO 1925-2025**

## Biografia

José Augusto Neves Cardoso Pires nasce a 2 de outubro de 1925, na aldeia de Peso, no distrito de Castelo Branco, mas vem para Lisboa com poucos meses de idade. Fixa residência nesta cidade, onde morre a 26 de outubro de 1998. É reconhecido como um dos mais importantes escritores portugueses da segunda metade de século XX.

O seu trajeto pessoal e a sua carreira de escritor são marcados pela inquietação e pela deambulação. Não se identifica com nenhum grupo, nem se fixa em nenhum género literário, apesar de ser considerado sobretudo como um romancista. A característica mais evidente da sua não muito vasta obra (são ao todo dezoito os seus livros publicados em quase cinquenta anos de vida literária) é o facto de cada livro seu inaugurar e completar um ciclo de criação literária. Nenhuma das suas obras se tornou uma fórmula que viesse a repetir, apesar de ser possível reconhecer linhas de evolução da sua escrita literária. O seu primeiro livro foi publicado em 1949 e o último em 1997.

A relação mais consistente e duradoura, no campo literário, deu-se com o movimento neorrealista português até ao 25 de Abril de 1974, não tanto por razões de defesa ou de prática de um tipo canónico de estética empenhada, mas, sobretudo, pela adesão a uma política de resistência ao regime autoritário português. A inserção da sua obra no Neorrealismo literário português é, por estas razões, complexa e eivada de contradições. O traço distintivo, que mantém até às últimas obras, é o respeitante ao compromisso da literatura com a realidade sua contemporânea.

No entanto, este escritor aprendeu outras lições – entre elas, a lição dos surrealistas, cujo grupo frequentou temporariamente nos inícios da década de 40 – que levaram a que entenda que essa relação (literatura /realidade contemporânea) é fatalmente sujeita a uma interpretação individualizada.

Os seus primeiros contos demonstram quer preocupações de cariz social (vetor afeto ao cânone neorrealista), quer outras influências, tais como a escrita esteticamente documental de Hemingway, a narrativa cinematográfica, o que resulta em narrativas de discurso contido, com diálogos concisos, cuja focalização produz um estranhamento, um deslocamento, sempre reconhecíveis na sua obra até finais de 60.

Cada livro deste autor recomeça tudo de novo. Apesar da filiação e dos caminhos para os quais cada obra aponta serem indicativos de um rumo de modo muito relativo na medida em que muda de direção no livro seguinte, é, mesmo assim, possível perceber que as obras de finais de 50 e as de 60 concentram o auge da sua criatividade pelas afinidades que exibem entre si e em diálogo com a literatura europeia. São elas: *O Anjo Acorado* (1958), *Cartilha do Marialva* (1960), *Jogos de Azar* (1963), *O Hóspede de Job* (1963) e *O Delfim* (1968). Se três são romances, já *Cartilha do Marialva* é um ensaio sobre a via errada, seguida por Portugal, que optou pelo irracionalismo e pelo imobilismo, atualizados e enaltecidos pelo regime salazarista. A figura do marialva, privilegiado em nome da sua família e dos seus haveres patrimoniais, encarna a espécie de provincianismo português que o autor caracteriza em traços negros e caricaturais de modo a fustigá-lo para melhor o erradicar do país. *Jogos de Azar* é uma recolha de entre os primeiros contos (publicados nos dois primeiros livros), escolhidos pelo autor sob a égide da figura do “desocupado”, sinónimo, na gramática do autor, do cidadão português, destituído de meios para viver.

Neste período de intensa e feliz criatividade, Cardoso Pires mede a sua escrita pela de vários autores europeus com os quais vai dialogando regularmente, como é o caso de Elio Vittorini. A nova literatura parece, para os dois autores, ser a que fixa a essência da realidade industrial. *O Anjo Acorado* dá conta dessa realidade modernizada, inscrita na sociedade portuguesa, mesmo no tempo de um regime opressor, mas é vivida apenas por uma burguesia muito restrita numericamente, letrada, com intenções políticas democráticas, mas inerte, amorfa e envergonhadamente privilegiada em contraste com a maioria da população, que

sobrevive numa pobreza no limite da sobrevivência mais primária. *O Hóspede de Job*, romance que representa também esta divisão nítida, já surgida no romance anterior, narra a história de uma deambulação de um Job que alberga involuntariamente em sua casa o hóspede que o irá mutilar, reduzindo-o a um pedinte de feira. Embora recebidos como neorrealistas no período em que foram publicados, são dois romances acentuadamente pessimistas, destituídos de dimensão futurante, característica principal das narrativas do movimento referido. [...]

Publica, ainda, mais dois romances singulares. São *Balada da Praia dos Cães* (1982), tornado *best seller* à época e *Alexandra Alpha* (1987). O primeiro reconstitui, de forma inovadora e plurifacetada, o crime da Praia do Guincho, ocorrido na realidade em 1960, mas perspectivado, neste romance, como fazendo parte de um passado social e político. O segundo é o único, nesta obra, que representa o Portugal pós-1974, vendo nele toda a violência do conflito político e económico dos primeiros tempos da revolução, sem possuir, no entanto, o grau de simbolização inscrito em *O Delfim*. É um romance desencantado, inesperado e o último desta obra romanesca.

O autor vai continuando fiel à sua primeira vocação, a de contista, cuja publicação vai acompanhando a dos romances. Para além de *Jogos de Azar*, tem duas coletâneas de contos, *O Burro-em-Pé* (1979) e *A República dos Corvos* (1988). Tem duas peças de teatro, *O Render dos Heróis* (1960) e *Corpo-Delito na Sala de Espelhos* (1980). O fenómeno da crónica da autoria de um romancista voltou a tornar-se popular na década de 90, o que fez com que reunisse as crónicas surgidas no jornal “Público” em *A cavalo no Diabo* (1994).

A sua última obra mais importante é, de novo, uma exceção. Trata-se de *De profundis, Valsa Lenta* (1997), relato do acidente vascular cerebral que o atingiu em 1995 e que é apresentado pelo autor como uma “viagem à desmemória”. É a única narrativa da sua obra que pode ser considerada autobiográfica. A vertente autobiográfica é, no entanto, peculiar na medida em que é um

relato obviamente posterior ao acidente que dele fixa pormenores aleatórios, desconexos de quem veio das trevas de uma doença muito grave para a luz da memória. O principal interesse desta narrativa reside na figuração de um eu como “o outro de mim”, feito de traços desarticulados aos quais é impossível atribuir uma caracterização completa, aspeto que é igualmente reconhecível na fragmentação de muitas das suas vozes narrativas dos romances. (Eunice Cabral)

#### Bibliografia - **Ativa**

- *Os Caminheiros e Outros Contos* (1949).
- *Histórias de Amor* (1952).
- *O Anjo Acorado* (1958).
- *O Render dos Heróis* (1960).
- *Cartilha do Marialva* (1960).
- *Jogos de Azar* (1963).
- *O Hóspede de Job* (1963).
- *O Delfim* (1968).
- *Dinossauro Excelentíssimo* (1972).
- *E agora, José?* (1977).
- *O Burro-em-Pé* (1979).

- *Corpo-Delito na Sala de Espelhos* (1980).
- *Balada da Praia dos Cães* (1982).
- *Alexandra Alpha* (1987).
- *A República dos Corvos* (1988).
- *A cavalo no Diabo* (1994).
- *De profundis, Valsa Lenta* (1997).
- *Lisboa – Livro de Bordo* (1997).

#### Bibliografia - **Passiva**

- CABRAL, Eunice, *José Cardoso Pires – Representações do Mundo Social na Ficção (1958-82)*, Edições Cosmos, Lisboa, 1999.
- COELHO, Eduardo Prado, “Cardoso Pires: o círculo dos círculos”, in *A Noite do Mundo*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1986.
- CRUZ, Liberto, *José Cardoso Pires*, Arcádia, Lisboa, 1972.
- FOKKEMA, Douwe W., “Empirical questions about symbolic worlds: a reflection on potencial interpretations of José Cardoso Pires, “Ballad of Dogs’ Beach” (1982)”, in *Dedalus*, nº 2, 1992, pp. 59-66.
- LEPECKI, Maria Lúcia, *Ideologia e Imaginário. Ensaio sobre José Cardoso Pires*, Moraes Editores, Lisboa, 1977.

- LOURENÇO, Eduardo, “”Espelho sem Reflexo”, in *Corpo-Delito na Sala de Espelhos*, Moraes Editores, Lisboa, 1980.
- PETROV, Petar, *O Realismo na Ficção de José Cardoso Pires e de Rubem Fonseca*, Difel, Lisboa, 2000.
- PORTELA FILHO, Artur, *Cardoso Pires por Cardoso Pires*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991.
- RODRIGUES, Rogério, “A verdade por detrás do “best seller” (*Balada da Praia dos Cães*)”, in *O Jornal*, nº 436, Julho de 1983.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, “Sociologia e significado do mundo romanesco de José Cardoso Pires”, in *Romance: o Mundo em Equação*, Portugália Editora, Lisboa, 1967.

VENTURA, Mário, *Conversas*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1986.

#### **Fontes:**

<https://www.instituto-camoes.pt/activity/centro-virtual/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/jose-cardoso-pires>

<https://www.publico.pt/2021/06/24/culturaipsilon/noticia/homem-boemio-escritor-monastico-1967594>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/o-delfim-de-jose-cardoso-pires/>

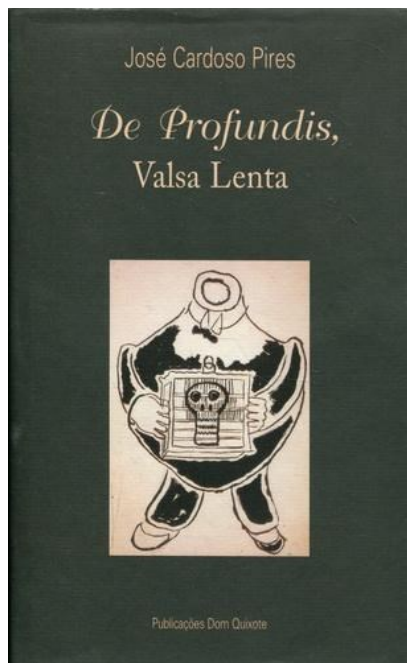
<https://www.livrariaferreira.pt/livro/balada-da-praia-dos-caes/>

<https://www.wook.pt/livro/balada-da-praia-dos-caes-jose-cardoso-pires/7295990>

<https://librairie-portugaise.com/product/balada-da-praia-dos-caes/>

<https://www.bokay.pt/livro/de-profundis-valsa-lenta/>

<https://afasia.com.br/de-profundis-valsa-lenta/>



### ***DE PROFUNDIS, VALSA LENTA (1997)***

**No livro o autor relata sua história após sofrer um Acidente Vascular Cerebral (AVC) em 1995 que afetou sua fala, leitura e escrita. Os objetos comuns tornaram-se objetos desconhecidos, as pessoas já não eram associadas ao nome e a memória estava perdida.**

“José Cardoso Pires é um artista, um escritor português, e dos bons. Viveu uma experiência que outros também viveram, mas que só ele conseguiu, com severo estilo formal, talento e, principalmente, extrema sinceridade, transformar numa peça literária – *De Profundis, Valsa Lenta* – que vem precedida de outra peça literária, o prefácio do médico João Lobo Antunes, em forma de epístola.

«Devo dizer-lhe que é escassa a produção literária sobre a doença vascular cerebral. A razão é simples: é que ela seca a fonte de onde brota o pensamento ou perturba o rio por onde ele se escoia, e assim é difícil, se não impossível, explicar aos outros como se dissolve a memória, se suspende a fala, se embota a sensibilidade, se contém o gesto. E, muitas vezes, a agressão, como aquela que o assaltou, deixa cicatriz definitiva, que impede o retorno ao mundo dos realmente vivos. É por isso que o seu testemunho é singular, como é única a linguagem que usa



para o transmitir. Eu explico-me melhor: o conhecimento científico das alterações das funções nervosas superiores obtém-se em regra por interrogatórios exaustivos, secos, monótonos, e recorrendo a testes padronizados, ou seja, perguntas idiotas cientificamente testadas e estatisticamente aferidas — dizem os autores.»

(Do Prefácio de João Lobo Antunes)

José Cardoso Pires perdeu a quase totalidade da memória e se viu vivendo como se fosse uma terceira pessoa observando a si mesmo. Tudo como um sonho fascinante e terrível no qual os objetos mais elementares deixam de ser o que são e ganham novos nomes e serventias. Como deixou de ser eu e passou a ser ele (o que aconteceu com todos os autistas e esquizofrênicos), o escritor teve de aprender sobre o eu. Posteriormente, já recuperado, olhou para alguns testes que fez, quando desmemoriado, e disse: ‘Demoro-me um pouco sobre as fotocópias da caligrafia desse homem’.

Foi à memória (existente, com sua própria língua e seus próprios símbolos) dentro da falta de memória que o artista português recorreu para nos narrar sua aventura.

Fora ele um artista menor, poderia ter feito um caudaloso melodrama. Como é um escritor sério que conhece o peso de cada palavra, nos contou o que lhe aconteceu quando o peso das palavras começou a mudar. Um Robinson Crusoe de si mesmo.” (por Fausto Wolff)

A Biblioteca Municipal de Coimbra (BMC) sugere uma lista de títulos para empréstimo e/ou consulta local sobre José Cardoso Pires :[este mês lemos José Cardoso Pires](#)